Midiatização e jornalismo – Interfaces para a construção de uma crítica social da mídia

Diônatas Álisson Coelho
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: Jornalismo; Crítica de Mídia; Circulação.

RESUMO EXPANDIDO

Noções compartilhadas

O jornalismo é uma atividade que historicamente foi se transformando ao longo do tempo, em especial, no último século. Em um contexto de acelerada midiatização da sociedade, a atividade de produzir e difundir notícias segue em um momento de readequação de suas práticas e estruturas.

Entre as mudanças das últimas duas décadas, uma é analisada aqui: as relações entre mídia e sociedade. A ideia em análise é que o processo de midiatização potencializa a crítica social da mídia. Em outras palavras: a sociedade imersa em lógicas e processos que são tipicamente oriundos dos meios de comunicação de massa passa a, em parte, se comportar sob essa lógica.

Como demonstrado por Coelho (2015), parte desses comentários volta aos meios interferindo, de uma forma ou de outra, na produção de notícias. É o que Braga (2006) chama de Sistema Social de Resposta. O objetivo aqui é observar o que estamos chamando de *construção social da crítica das práticas jornalísticas* dentro de um contexto midiatizado.

As discussões teóricas que buscam pensar os processos de crítica de mídia através de múltiplos dispositivos, são potencializadas por uma análise contextual do processo de midiatização da sociedade. Esses aportes subsidiam uma exploração empírica de base netnográfica (Amaral, Natal e Viana, 2009) que gerou um estudo de caso singular (Braga, 2008).

A articulação dessas duas metodologias dá base a uma análise da repercussões de reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo na edição de 17 de julho de 2016, e que que trazia números de uma pesquisa do Instituto Datafolha sobre a situação política brasileira. Para complementar o levantamento, foi realizada uma entrevista com Vanessa Henriques, a assistente da Ombudsman da Folha, Paula Cesarino Costa, presencialmente no dia no dia 8 de setembro de 2016.

Contextos teóricos

Esse artigo parte de uma visão da Comunicação como objeto complexo e em transformações. Ainda em 1997, Eliseo Verón já pensava a comunicação para além de relações lineares de causa e efeito. Para o autor argentino, o fluxo da comunicação pode ser pensado como uma formação de circuitos de retornos. O discurso é então visto como um amplo processo de interfaces, em que os atores têm seus papéis modificados em diferentes momentos dessa dinâmica.

Essa perspectiva dá base à ideia de uma comunicação circular formada por sucessivos feedbacks, mudando a dinâmica das relações em diferentes níveis. É nesse caldo circular que se insere o que aqui vamos chamar de comentário social sobre a mídia. Nesse contexto, o status dos sujeitos (produtores e receptores), as lógicas de contatos entre eles e os modos de envio e reenvio de discursos entre eles, diluindo fronteiras outrora cristalizadas. (Fausto Neto, 2005).

A partir do momento em que se pensa a produção discursiva a partir de fluxos e circuitos, é preciso reposicionar os processos do jornalismo, repensando a cadeia que se articula na construção do discurso. Braga (2012) observa, em uma perspectiva que ajuda a entender esses circuitos e dá base a esse artigo, que se pensarmos a circulação da comunicação na sociedade em uma visada abrangente percebemos que o produto da mídia de massas não é o ponto de partida desses fluxos.

Essa circulação complexificada é o ambiente onde hoje majoritariamente circula com mais força o comentário crítico sobre a mídia. Assim, se se antes o jornalismo se outorgava como enunciador dos acontecimentos, a partir das perspectivas de uma circulação mais abrangente, e com a proliferação das redes, hoje a notícia pode circular primeiro pela internet. Essa descentralização por si só levou o jornalismo a um momento de questionamento de suas práticas.

Para Braga (2006), esse comentário posto em circulação pode ser pensado como um sistema para além da ideia de produção e recepção, o Sistema de Resposta Social. Ele entra em operação no momento em que os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade, e passam a circular nela. Uma das características desse comentário, dessas respostas, é o seu caráter diferido e difuso na sociedade.

Aqui, então, tratamos de observar essa difusão com o objetivo de buscar regularidades, formas de comportamento, que deem base a uma análise da construção

desses comentários que contêm em sim um conteúdo de crítica aos meios. O caso objeto de análise nesse artigo é apresentado resumidamente a seguir.

Povo versus Folha

Em julho de 2016 o Brasil vivia um momento raro. Tinha então uma presidente da república eleita, Dilma Rousef, porém afastada. Enquanto isso, o país era governado por um presidente interino, Michel Temer, cuja legitimidade era contestada.

A primeira pesquisa sobre o momento político brasileiro, após a posse de Temer, viria a público no dia 18 de julho. O Instituto de Pesquisas Datafolha realizou levantamento nos dias 14 e 15 de julho de 2016. Nesse momento, Michel Temer governava interinamente desde 17 de abril. A pesquisa foi a base da manchete da Folha de S. Paulo na edição de 17 de julho com o título "Cresce o otimismo com a economia, diz Datafolha".

Além da matéria que virou manchete, publicada na página A4, a pesquisa do Datafolha gerou outra, que abriu a página A5: "Para 50% Temer deve ficar; 32% são pró-Dilma". Analisado o título da reportagem, ela trazia algo realmente novo. Em 9 de abril, pouco antes do afastamento de Dilma Rousseff, o mesmo instituto Datafolha havia divulgado pesquisa que mostrava 79% dos brasileiros queriam a saída de ambos, Dilma e Temer, e a consequente realização de novas eleições.

Três meses depois, essa nova pesquisa mostrava que apenas 4% dos entrevistados pediam a saída tanto da presidente eleita quanto do presidente interino, e apenas outros 3% pediam novas eleições. Uma queda de mais de 70 pontos percentuais no desejo dos eleitores por uma nova ida às urnas, ideia de que havia sido encampada por Dilma Rousseff na fase final do processo de impeachment. A Folha não publicou quais as perguntas que foram feitas pelo Datafolha para chegar a esses resultados.

Os dados geraram perplexidade nos leitores da Folha de S. Paulo. A postagem recebeu 740 comentários na fanpage no jornal no Facebook. Desde as primeiras manifestações, fica claro o estranhamento que esses dados geraram. Analisando os 740 comentários que a reportagem recebeu no Facebook é possível observar que em 112 deles os leitores faziam críticas diretas ao Instituto Datafolha ou aos institutos de pesquisa de maneira geral.

Em pouco tempo, sites e blogs passaram a criticar tanto a Folha de S. Paulo quanto o Datafolha pela pesquisa. Isso porque, na pergunta que foi formulada aos entrevistados,

e que não havia sido publicada naquele dia pela Folha e nem pelo Datafolha, não havia sido dada a opção "nova eleição".

A Folha de S. Paulo em sua matéria não esclarece esse ponto. Apenas cita que 4% citaram "nenhum dos dois" e que 3% disseram "novas eleições". No dia seguinte à publicação dos dados, uma nova informação veio a público. Folha e Datafolha haviam decidido não publicar que a pesquisa havia perguntado se os eleitores desejavam uma nova eleição.

Além das críticas direcionadas ao Datafolha, volume considerável de comentários dos leitores era dirigido à Folha de S. Paulo especificamente e à mídia/imprensa de maneira geral. Foram 119 posts criticando a reportagem da Folha e a imprensa brasileira. No domingo seguinte, a ombudsman da Folha, Paula Cesarino Costa afirma já no título da sua coluna[1]: "A Folha errou, e persistiu no erro".

Considerações

A polêmica envolvendo a Folha de S. Paulo e o Instituto Datafolha reserva algumas lições ao jornalismo, e do ponto de vista desta pesquisa, sobre os diferentes dispositivos críticos midiáticos. Do que podemos observar até aqui, existe o que podemos chamar de uma *construção social da crítica das práticas jornalísticas*.

Fica evidente que o leitor é parte da construção de uma crítica que é coletiva, e que justamente por ser coletiva, repercute nas redações. Parte dessa construção passa por outros dispositivos críticos, como a própria ombudsman, e a relação dos leitores com outros meios de comunicação, no quais algum tipo de crítica profissional é difundida.

A análise dos comentários, e das repercussões do caso, mostra ainda que muitos dos leitores carregam um descontentamento que não foi gerado por essa situação de maneira específica, mas é baseado em experiências anteriores na relação com o jornalismo no país. Nessas situações, a construção da crítica passa menos por outros dispositivos críticos – sites, blogs ou a própria ombudsman – e dizem da descrença do público com a mídia.

[1] http://www1.folha.uol.com.br/colunas/paula-cesarino-costa-ombudsman/2016/07/1794799-a-folha-errou-e-persistiu-no-erro.shtml

Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. Revista Sessões do Imaginário, Porto Alegre,

ed. 20, p.34-40, dez. 2008.

BRAGA, José Luis. A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JR, Jeder; JACKS, Nilda. Mediação e Midiatização: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.

COELHO, D. Á. Jornalismo, Sociedade e Crítica – Potencialidades e Transformações. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2015.

COSTA, Paula Cesarino. A Folha errou e persistiu no erro. Folha de S. Paulo, 2016.

FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: Mediatización, Sociedad y Sentido. Diálogos Brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010.